

Introdução



Figura 1- La revolte, Le Magazine Littéraire Hors-série N° 13. p.6

BIENTÔT

SUR

CET ÉCRAN



Figura 2- Livro: "Mai 68 d'un photographe" - Paris: Éditions Du Layeur, 2008, p. 106. Autor: Elie Kagan.

“(...) os filmes que mais influenciaram o Maio de 68 foram *Prima della rivoluzione*, de Bertolucci; *A chinesa*, de Godard, e *Terra em transe*, tanto que durante o maio francês estes três filmes foram passados nas ruas, nos muros, em 16 mm.”

Glauber Rocha, em *Retrato da Terra*

THAT MAKES IT ALL MOVE



Figura 3- Cartaz de divulgação do filme *Before the Revolution/Prima della rivoluzione*, Bernardo Bertolucci, 1964. Montreal showing.

Um domingo de abril de 1962, pouco antes da Páscoa, em Parma

Eu tinha recorrido à Igreja. Segurava Pascal e os Cantos do Povo Grego entre as mãos. A Resistência acabou com os sonhos. O sonho das Regiões Federadas em Cristo. Como o doce canto de um rouxinol. Ai de quem não sabe que é burguês. Essa fé cristã como sinal de cada privilégio, rendição e servidão.

Que o pecado não é outro... além da certeza cotidiana, odiado por medo e avidez de a Igreja ser o implacável coração do Estado.

Como num sonho, vislumbro as portas da cidade, os bastiões, as barreiras alfandegárias, os campanários... Cúpulas como colinas de pedra, os tetos cinzentos. E bem mais abaixo, as estradas, as aldeias, as praças, a praça.

E bem no meio está Parma, que divide as duas cidades... dos ricos e dos pobres. E, de novo, a praça. Bem no meio da cidade e tão próxima dos campos que de noite sentimos o cheiro do feno. A praça que nos dá a sensação de estarmos numa arena murada.

Eis que me movo entre figuras distantes da história, remotas. Figuras que só fazem lembrar a Igreja, cujo catolicismo só faz sufocar qualquer desejo de liberdade. São os burgueses de Parma.

(Bernardo Bertolucci, *Prima della rivoluzione*
/Antes da revolução, de 1964)

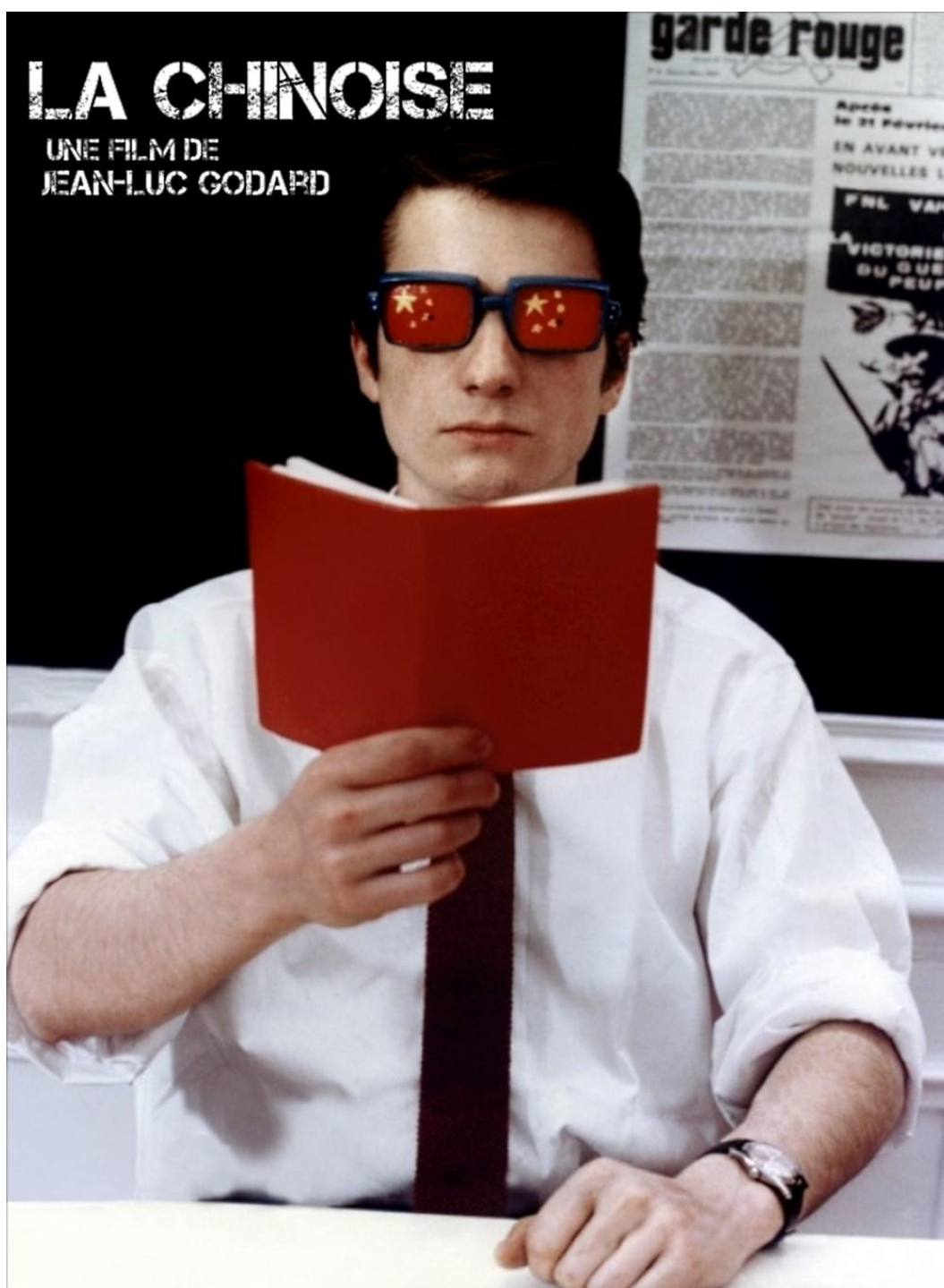


Figura 4- Cartaz de divulgação do filme *La Chinoise*, de Jean –Luc Godard.

Paris, 1967

A classe operária francesa não se unirá politicamente, nem irá às barricadas apenas por um aumento de 12% nos salários. No futuro próximo, não haverá uma crise capitalista grande o suficiente que empurre os trabalhadores a lutarem pelos seus interesses vitais através de uma greve geral revolucionária ou uma insurreição armada.

Ademais, a burguesia jamais cederá seu poder sem ser forçada a tal pela ação revolucionária das massas. Logo, o problema principal para a estratégia socialista é como criar as condições objetivas e subjetivas que tornem a ação revolucionária das massas possível e que torne plausível o uso da força contra a burguesia.

Os incidentes entre estudantes e a administração da universidade se prolongam durante todo o mês de abril.

Deus, por que me abandonou?

Porque eu não existo.

Uma minoria na linha revolucionária correta não é mais uma minoria.

A revolução não é um jantar de gala. Não é feita como uma obra de arte. Não pode ser feita com elegância nem com a mesma amabilidade e generosidade da alma.

A revolução é uma insurreição violenta.

Os imperialistas ainda estão vivos.

(Jean-Luc Godard, *La chinoise*/
A chinesa, 1967)

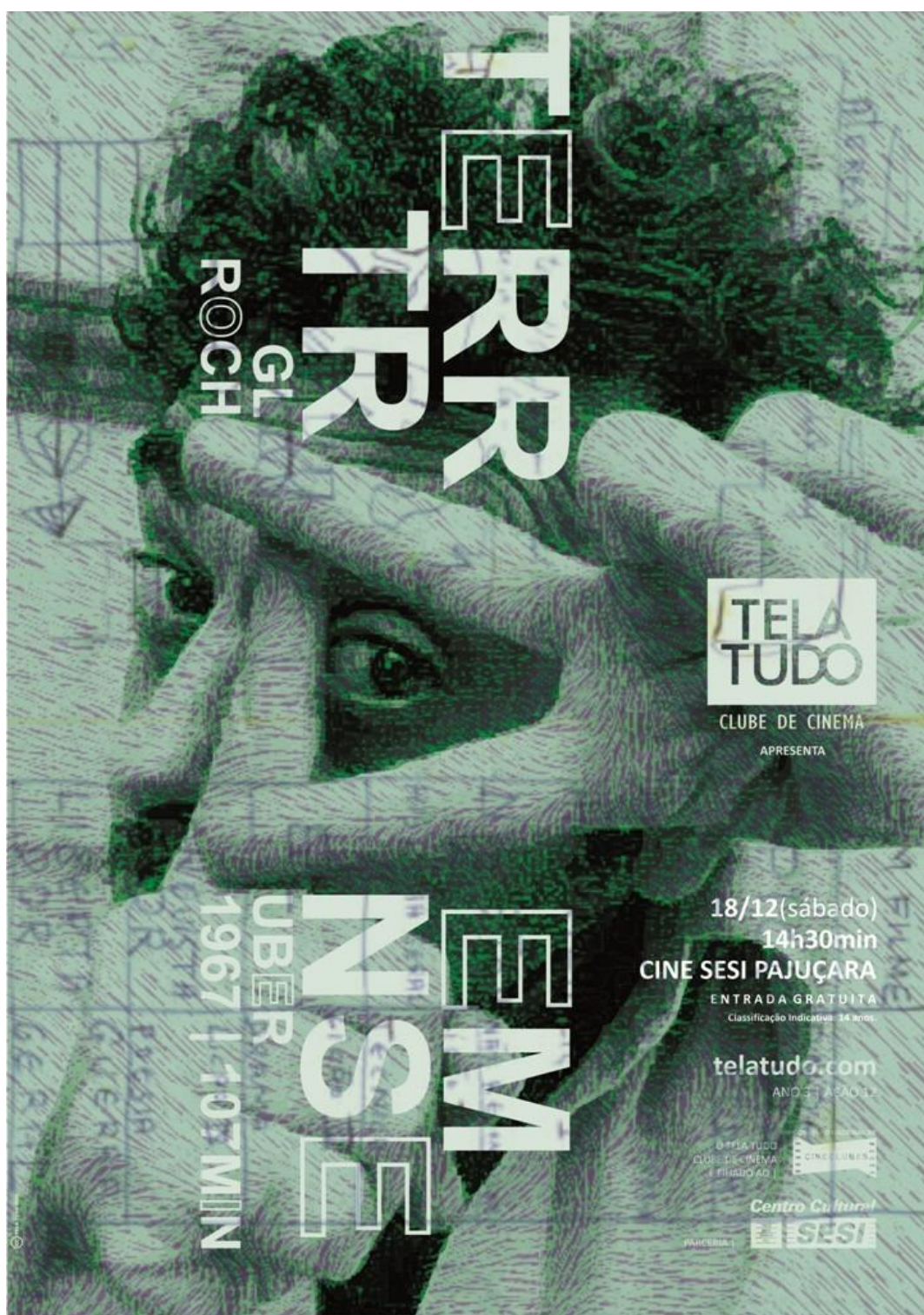


Figura 5- Cartaz de divulgação da exibição do filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, No Tela Tudo – Clube de Cinema (Cine Sesi Pajuçara).

Eldorado, 1967

Não é mais possível esta festa de medalhas, /este feliz aparato de glórias, /esta esperança dourada nos planaltos! /Não é mais possível esta festa de bandeiras /com Guerra e Cristo na mesma posição!

Estou morrendo agora, nesta hora. /Estou morrendo neste tempo. /Estou correndo meu sangue e minhas lágrimas. /Ah, Sara! Todos vão dizer que sempre fui um louco, /um anarquista, que sempre... Ah, não sei, Sara... / Onde estava há dois, três, quatro anos? Onde? /Com dom Porfírio Diaz, navegando nas manhãs. /O meu deus da juventude, dom Porfírio Diaz...

Qual o sentido da coerência? /Dizem que é prudente observar a História sem sofrer. /Até que um dia, pela coincidência, /As massas tomem o poder... /Ando nas ruas e vejo o povo fraco, abatido. /Este povo não pode acreditar em nenhum partido. Este povo cuja tristeza apodreceu o sangue. /Precisa da morte mais do que se pode supor. /O sangue em que seu irmão estimula a dor, /O sentimento do nada que faz nascer o amor. / A morte enquanto fé e não como temor.

Quando voltei para Eldorado, não sei se antes ou depois./ quando revi a paisagem imutável, a natureza, /A mesma gente perdida em sua impossível grandeza,/Eu trazia uma forte amargura dos encontros perdidos/ E outra vez me perdia no fundo dos meus sentimentos./Eu não acreditava em sonhos, em mais nada,/ Apenas a carne me ardia e nela eu me encontrava.

(Glauber Rocha, *Terra em transe*, 1967)

A MISSA BÁRBARA

rezada por Glauber Rocha

– num tempo em que era proibido proibir –

Une thèse de Anna Lee



Figura 6- affiches-mai-68-greve-1968-poster-08 <http://www.pageblanche-leblogdlesseniors.com/2011/03/archives-seniores/affiches-mai-68-greve-1968-poster-08-2/>

UNE THÈSE
EN TRAIN
DE SE
FAIRE

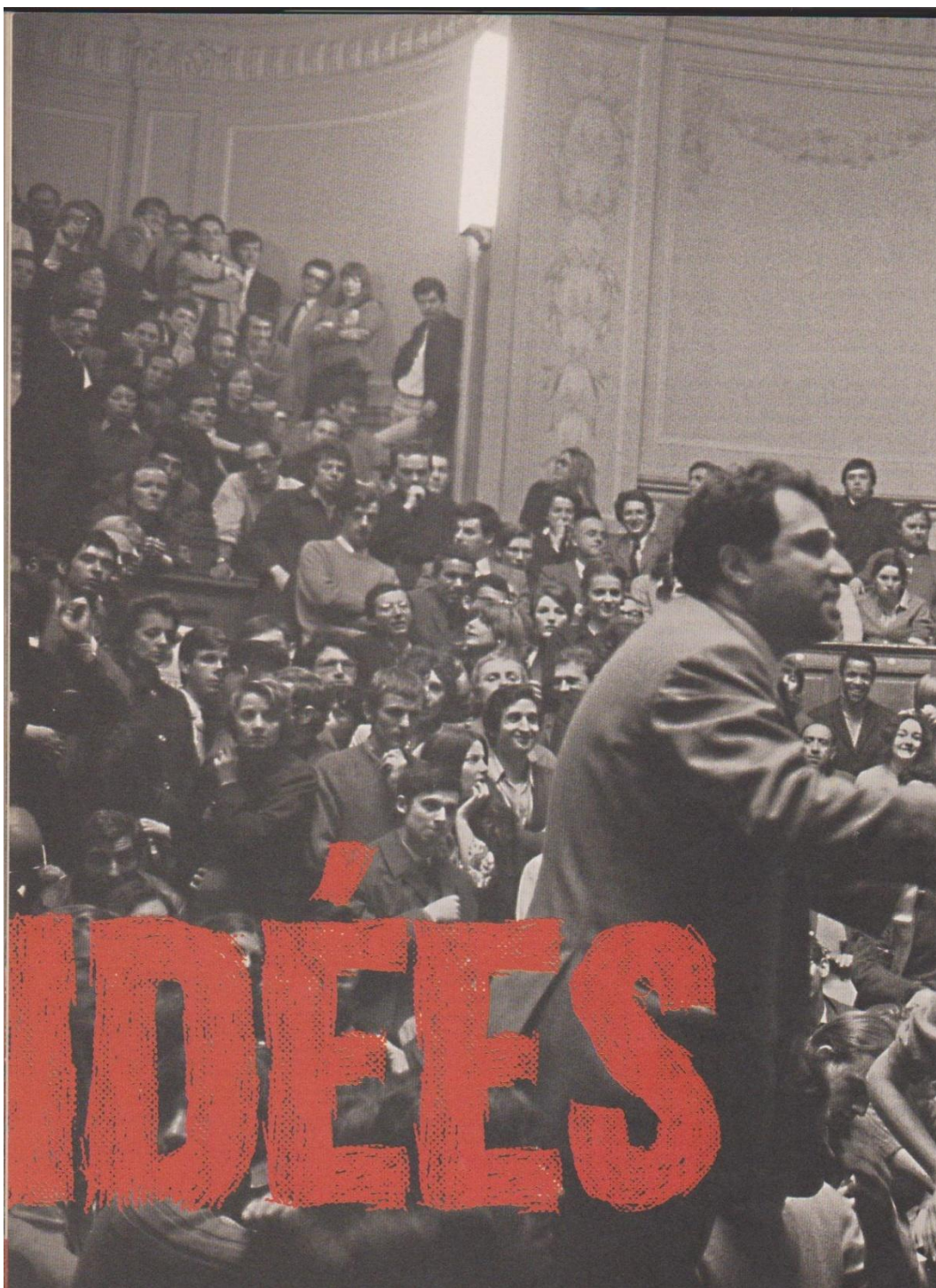


Figura 7- Revista: Télérâma - hors/série - "Mai 68 – L'héritage", p. 78.

Événement

Então não se perguntará qual o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertencente essencialmente à linguagem mantém uma relação essencial com a linguagem, mas a linguagem é o que se diz das coisas (Deleuze, 2000. p.34).

Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular, *eventum tantum...*; ou antes que não tem outro presente senão o do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que convém chamar de contra-efetuação. Em um dos casos, é minha vida que parece frágil demais para mim, que escapa num ponto tornado presente numa relação determinável comigo. No outro caso, sou eu que sou fraco demais para a vida, a vida é grande demais para mim, lançando por toda parte suas singularidades, sem relação comigo nem com um momento determinável como presente, salvo com o instante impessoal que se desdobra em ainda-futuro e já-passado (2000, p. 177-8).

No Maio de 68 francês, o pensamento da representação em suas instâncias política, filosófica e artística foi colocado radicalmente em xeque. Pode-se dizer que, a partir dos *événements de 68*, como os franceses costumam se referir às manifestações estudantis ocorridas nas universidades francesas de Nanterre e Sorbonne – que se espalharam por outras universidades da Europa e também das Américas, ganhando uma dimensão ainda maior com a ampliação das revoltas para a classe trabalhadora – tornou-se visível nas ruas e na mídia a investida crítica que vinha ocorrendo contra os suportes epistemológicos do saber e contra as bases do intercâmbio social. Ou seja, havia uma tentativa de libertação dos princípios de racionalidade iluminista e quebra da hegemonia de um discurso marxista. E, então, duas questões se tornaram imperativas: a operação de pensar a partir do confronto com o contexto social e político e o pensamento filosófico que não é mais o das ideologias, mas da crítica da dominação. A conjunção de acontecimentos encarnados em Maio de 68, nos conflitos, barricadas, debates, discursos, incêndios, corresponde assim ao acontecimento fora da cronologia histórica: uma guinada no rumo do pensamento, de onde surge uma nova genealogia do saber. Estamos falando aqui de um questionamento radical de instituições repressivas que constituíam a sociedade: a universidade, os partidos políticos, a igreja, a família, a sociedade de consumo.

“Então, como chegar a falar sem dar ordens, sem pretender representar alguma coisa ou alguém, como chegar a fazer falar esses que não têm direito, e restituir aos sons o seu valor de luta contra o poder?”, pergunta o filósofo francês Gilles Deleuze (1992, p.56). Ele mesmo responde:

É preciso que a arte, particularmente a arte cinematográfica, participe dessa tarefa: não dirigir-se a um povo suposto, mas contribuir para a invenção de um povo. (...) O povo que falta é um devir, ele se inventa com novas condições de luta, para as quais uma arte necessariamente política tem de contribuir (Deleuze, 2005, p 259-60).

Nesta perspectiva, a obra artística não é mais pensada como subjetividade, mas como agenciamento coletivo de enunciação.

É desta forma que as mesmas questões, as mesmas reivindicações, os mesmos impasses ressoam de um filme para outro, são repetidos ou reinventados, numa espécie de fala coletiva, de uma conversa infinita. É desta forma que, no ano anterior a 68, pode-se ver em *A chinesa* uma conversa sobre a necessidade de se



Figura 8- Livro: "L'imagination au pouvoir. Photographies de Jo Schnapp", editora: Paris, Eric Losfeld, 1968.

destruir as instituições entre a atriz Anne Wiazemsky e o filósofo Francis Jeanson, seu ex-professor em Nanterre, enquanto fazem uma viagem de trem. Um questionamento que está reproduzido de alguma maneira nas angústias do jovem Fabrizio que, no filme *Antes da revolução* (1964), não crê na “revolução de um dia”, apesar de influenciado por um professor marxista, e discute com um amigo a função do cinema na sociedade contemporânea. E ainda repercute as contradições do poeta Paulo Martins, em *Terra em transe* (1967), sendo este personagem “a consciência em transe de Eldorado”¹, que, por sua vez, é um lugar de “convulsão, choque de partidos, de tendências políticas, de interesses econômicos, de violentas disputas pelo poder”, como quis Glauber Rocha². Também é desta forma que *Antes da revolução*, *A chinesa*, e *Terra em transe* ecoam em Maio de 68 e são exibidos nos muros de Paris, enquanto os estudantes vão às ruas protestar.

Glauber faz a seguinte afirmação no documentário *Retrato da Terra*: “(...) os filmes que mais influenciaram o Maio de 68 foram *Prima della rivoluzione*, de Bertolucci; *A chinesa*, de Godard, e *Terra em transe*, tanto que durante o maio francês estes três filmes foram passados nas ruas, nos muros, em 16 mm”. E isso é suficiente para partirmos do princípio de que estes filmes estiveram nos muros de Paris durante os *événements de 68*. Como neste período o pensamento da representação estava sendo colocado em cheque, é possível considerar que as barreiras entre o verdadeiro e o falso sucumbiram, passando a importar aqui a capacidade de criar e inventar mundos. “A imaginação toma o poder”, “O sonho é realidade”, diziam *slogans* escritos nos muros e cartazes espalhados por Paris.

“É proibido proibir” foi outro *slogan* de Maio de 68, e que aparece propositalmente no título desta tese como forma de reforçar a hipótese de que os *événements* do ano de 1968 foram uma espécie de fala coletiva – onde a arte é pensada como agenciamento coletivo de enunciação –, e que aparece bem antes dessa época. Como conta o autor Silviano Santiago (1995, p. 62), na entrada da Exposition Coloniale de 1931, em Paris, o dramaturgo francês Antonin Artaud gritou: “É proibido proibir!”, para um rapaz que distribuía um panfleto com os dizeres “NE VESITEZ L’EXPOSITION COLONIALE”.

Também antes do Maio de 68, Glauber, ao produzir em *Terra em transe* uma alegoria crítica do golpe militar no Brasil em 1964, coloca em discussão a ideia de representação, questionando as contradições do papel do povo na história e apontando a crise das instituições clássicas, de um pensamento político, do

pensamento filosófico clássico. Sendo necessário lembrar aqui o sentido paradoxal que Walter Benjamin atribui ao termo alegoria ao transformar esta figura da retórica numa conjunção de elementos opostos que guarda uma margem enigmática, desconstruindo a noção convencional de imagem representativa de um significado. A câmera em transe de Glauber Rocha mostra personagens que, em seus discursos, evidenciam essa crise. “As nossas riquezas, as nossas carnes, as vidas, tudo. Vocês venderam tudo! As nossas esperanças, o nosso coração, o nosso amor, tudo! Vocês venderam tudo!”, diz Paulo Martins (Rocha, 1985, p.310).

Em *A imagem-tempo – Cinema II*, Deleuze apresenta a obra de Glauber como exemplo do cinema político moderno, que não pressupõe a possibilidade de uma evolução ou de uma revolução, a utopia de um povo unificado no poder, pois “o povo já não existe, ou ainda não existe... o povo está faltando” (2005, p.259).

Deve se observar que esse “povo” tratado por Deleuze está deslocado do discurso marxista de um “povo” presente, apesar de oprimido, enganado, submetido, ainda que cego ou inconsciente, e que precisa ser “educado”. É verdade que, algumas vezes, Glauber usa em sua obra essa referência marxista, e para continuarmos usando as falas do poeta Paulo Martins, como exemplo, podemos citar o trecho no qual ele se dirige ao camponês Felício: “Cale a boca, você e sua gente não sabem nada! (...) É um miserável, fraco, falador, covarde! (...) Tá vendo como você não vale nada? E vocês também! Todos pra casa, já! Todos! (...)” (Rocha, 1985, p. 296). No entanto, as falas do personagem são confrontadas com as cenas de protesto, ritos religiosos, discussões e festas, de modo que a dialética do intelectual se vê desarticulada, interrompida, antes que produza uma síntese. O tratamento mágico das cenas faz explodir a idealização racionalizada do “povo” no discurso do intelectual (que tem em Paulo Martins um exemplo contraditório) e mostra a vitalidade das ações e crenças da população.

Por outro lado, há que se considerar que está contido nessas falas um questionando sobre o conceito de povo e a expectativa marxista em relação ao comportamento político do mesmo. E o que se propõe aqui é justamente mostrar que Glauber, não somente em *Terra em transe*, mas em sua obra em geral, supera essa intenção e, por meio de sua arte, instiga a emergência de múltiplas vozes de um povo, esse sim, capaz de promover a transvaloração de todos os valores, para

usar uma referência nietzschiana. Trata-se de um povo contaminado por inquietudes presentes, como aponta Deleuze:

O transe, o fazer entrar em transe é uma transição, passagem ou devir: é ele que torna possível o ato de fala, através da ideologia do colonizador, dos mitos do colonizado, do discurso do intelectual. O autor faz entrar em transe as partes, para contribuir à invenção de seu povo, que é o único capacitado a constituir o conjunto. Mas as partes não são exatamente reais em Glauber Rocha, porém recompostas. (2005, p.265).

Assim, pretendo mostrar como Glauber Rocha, por meio de instrumentos estéticos em sua linguagem cinematográfica, encenou esse novo modo de pensar que foi disseminado a partir de Maio de 68, segundo o qual não haveria mais a distinção entre arte e política. Acredito que Glauber pode ser considerado uma referência de 68, não só por ter vivido o período, mas porque apresenta em sua obra traços desse movimento que não foi uma revolução realizada, mas um processo desencadeado: “um devir revolucionário”. Esta leitura é de Deleuze, que classifica o Maio de 68 como “um devir em estado puro”:

O devir não é história; a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais se desvia a fim de “devir”, isto é, para criar algo novo. É exatamente o que Nietzsche chama de o Intempestivo. Maio de 68 foi a manifestação, a irrupção de um devir em estado puro. (Deleuze, 1992, p.211)

Para demonstrar minha proposição, elegi três filmes que considero conter elementos, os quais serão enumerados e discutidos mais tarde, evidenciadores da comunhão da obra glauberiana com o cinema aberto às energias e intensidades da vida, perpetuamente transformado por estas, o qual Deleuze chama de cinema político moderno. Os filmes em questão são, além de *Terra em transe*, já citado, *Câncer* e *A idade da Terra*.

Câncer foi produzido em 1968 e *A Idade da Terra* (1980), no final da vida do cineasta. O primeiro é um filme experimental, produzido sem roteiro e com som direto, e realizado na base do improvisado, do intempestivo, tendo sido finalizado em etapas, e só concluído em 1972. A partir daí, pode-se pensar a proliferação de um experimentalismo mais radical na obra de Glauber, que vai desmanchar o tecido do filme ainda mais em *Idade da Terra*, transformando sua obra numa missa bárbara que quebra o modelo da revolução idealizada por um discurso institucional pré-concebido, e libera os mitos reprimidos pela racionalidade ortodoxa.



« En face de la jeunesse rebelle, le monstre froid de l'État. Compact, sans regard. Nous sommes devant Gibert Jeune, au carrefour du boulevard Saint-Michel et de la rue de l'École-de-Médecine. Ce sont des gendarmes mobiles. Regardez ces fusils. Quand vous preniez un coup de crosse en pleine tête, c'était terrible. Mais ce sont des militaires, disciplinés, pas du genre à piétiner à douze un type à terre. On ne sait pas s'ils ont peur ou rêvent d'en découdre. On retrouve la même inquiétante passivité dans les images d'époque de la Garde nationale devant le Pentagone. Le monstre froid de la répression a le même visage partout. »

Figura 9- Revista: Télérâma - hors/série - "Mai 68 – L'héritage", p. 10.

Paris, 6 maio de 1968

O instantâneo capta a movimentação, este momento em que a história surpreende e arrebatava as pessoas. Aquele ali, com seu bastão erguido como uma espada, três dias antes, certamente dedicava-se com afinco sobre as apostilas estudando para as provas. E eis o que aconteceu, todos, quase nenhuma arma, avançam contra as forças policiais. Um jato de água lhes tem como alvo. Eles tremulam em meio a fumaça do gás lacrimogêneo num balé de sombras. A cadência desta guerrilha, seu movimento, dando a força de determinação dos manifestantes, que mostrarão nesta noite que marca o verdadeiro começo de 68, sua necessidade de existência. Eu estou nesta foto, aqui, nesta esquina, nesta noite, no canto da página³.

Diante da juventude rebelde, o monstro frio do estado. Compacta, cego. Nós estamos em frente da Gibert Jeune⁴, na esquina do *boulevard* Saint-Michel com a rua de l'École-de-Médecine. Eles são policiais responsáveis por restabelecer a ordem. Olhe seus fuzis. Uma coronhada no meio da cabeça seria fatal. Mas eles são militares, disciplinados, não são do gênero que pisoteiam. Não sabemos se eles têm medo ou desejam lutar. Observamos a mesma inquietante passividade em imagens da época da Guarda Nacional diante do Pentágono. O monstro frio da repressão tem o mesmo semblante em todos os lugares⁵.



Figura 10- Livro: "Nous l'avons tant aimée, la révolution"; autor: Dany Cohn-Bendit; editora: Éditions Bernard Barrault, 1986, p. 11.

O sorriso de Cohn-Bendit correu o mundo. Ele é o ícone deste Maio de 68 francês. Nesta olhar debochado, nesta alegria insolente, se encontra o símbolo da juventude rebelde...bem arrumada e bem vestida. Hoje, Dany vai ao conselho disciplinar na faculdade de Nanterre. Pela sua postura, dá para perceber que ele se prepara para afrontar a disciplina! Diante dele, o semblante indiferente do Estado, mas, neste policial visto de costas, eu adivinho o esboço de um sorriso. Poderíamos dizer que o policial e o estudante têm a mesma idade – os CRS de 68 eram geralmente muito jovens... e mais benevolentes⁶.

Décor

Figura 11- Revista: Télérâma - hors/série - "Mai 68 – L'héritage", p. 52.

Paris, maio de 2010

Uma típica tarde de primavera parisiense. Da varanda da brasserie L'Écritoire, no número 3 da Place de la Sorbonne, vejo uma agitação em torno das fontes que ficam ali no centro da praça. Penso que, por ser um dia de sol, trata-se apenas de franceses festejando simplesmente porque *il fait beau*. Em Paris é assim. Basta um tímido sol para que as pessoas saiam às ruas e se aglomerem nos jardins, nas margens do Sena, nos cafés, nas praças. Além disso, ali é o Quartier Latin, lugar de turistas.

Mas há câmeras de cinema, holofotes, cartazes, jovens gritando. Não podem ser turistas. Fico curiosa e vou averiguar. Descubro que um grupo de estudantes da Sorbonne tenta reproduzir o clima do Maio de 68 para um filme. De imediato aquilo me parece patético. Sem sentido. O mundo não é mais o mesmo.

Mas o mundo não é mais o mesmo justamente porque houve o ano de 1968, não apenas o Maio de 68. Naquele momento foi disparado o gatilho de um movimento global de contestação do *establishment*. A história entrou em êxtase.

Na Tchecoslováquia, Alexander Dubcek assume a liderança do Partido Comunista e inicia reformas liberalizantes. A retomada da liberdade de expressão culmina com a Primavera de Praga: diversos setores da população passam a exigir mais abertura democrática. No entanto, em agosto, este clamor por liberdade seria calado pelos tanques soviéticos, criando um trauma no país e mudando a história das esquerdas mundiais. Em Berlim, a juventude alemã rejeitava o sistema e questionava a geração de seus pais que havia convivido com o nazismo. Houve a livre experimentação de drogas; as garotas de minissaia, a defesa dos direitos dos homossexuais, o assassinato de Martin Luther King; os protestos contra a Guerra do Vietnã; tropicália e o cinema marginal brasileiro, a radicalização da luta estudantil e do recrudescimento da ditadura no Brasil.

Em Paris, os estudantes se armaram com paralelepípedos para defender nas ruas o direito de pedir o impossível e proibir as proibições. À frente dos manifestantes estavam trotskistas (expulsos da União dos Estudantes Comunistas Franceses em 1965), maoístas e anarquistas (sobretudo Daniel Cohn-Bendit). Eles se revoltaram, hastearam bandeiras vermelhas, atiraram coquetel molotov, lutaram contra a polícia ou fugiram dela, arrancaram paralelepípedos das ruas, ergueram barricadas (pela primeira vez desde a Segunda Guerra), atacaram os escritórios da



Figura 12- Livro: "68: Destinos. Passeata dos Cem Mil"; autor Evandro Teixeira; Editora Textual.

American Express e do banco Chase Manhattan em Paris e, no dia 10 de maio, ocuparam a Sorbonne, convertendo-a numa espécie de comuna estudantil. De Gaulle queria enviar o Exército para intervir, mas foi persuadido a não fazê-lo, já que os soldados, em sua maioria, rapazes que cumpriam o serviço militar obrigatório, poderiam querer se confraternizar com os estudantes. As principais armas empregadas contra eles foram gás lacrimogêneo e cassetetes.

No Rio de Janeiro, protestos no restaurante Calabouço provocaram a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, e milhares de cidadãos foram às ruas engrossar a “Passeata dos Cem Mil”, realizada no dia 26 de junho e considerada a manifestação popular mais importante da resistência contra a ditadura militar. Ela marcou o ponto alto do movimento estudantil e o início de sua derrocada.

Edson tinha sido baleado pela polícia no dia 28 de março, aos 18 anos, enquanto jantava no restaurante Calabouço, que atendia universitários de baixa renda vindos de outros estados. A partir daí, os estudantes se mobilizaram de vez.

Em junho, o movimento estudantil começou a organizar um número cada vez maior de manifestações públicas. No dia 18, uma passeata, que terminou no Palácio da Cultura, também no Rio, foi reprimida pela polícia. O resultado foi a prisão do líder estudantil Jean Marc van der Weid. No dia seguinte, o movimento se reuniu na Universidade Federal do Rio de Janeiro para organizar novos protestos e pedir a libertação de Jean e de outros alunos presos. Os estudantes chegaram armados de coquetel molotov, pedras, bastões. O resultado foi a detenção de 300 manifestantes ao final da assembléia. Três dias depois, alguns universitários foram recebidos com violência pela polícia em uma passeata que terminou em frente à embaixada norte-americana. A reação dos estudantes gerou um conflito que terminou com 28 mortos, centenas de feridos, mil presos e 15 viaturas da polícia incendiadas. Aquele dia ficou conhecido como “Sexta-Feira Sangrenta”.

Diante da repercussão negativa do episódio, o comando militar acabou permitindo uma manifestação marcada para o dia 26 de junho, mas deixou 10 mil policiais sob aviso para entrar em ação caso fosse necessário. Estas foram as primeiras notícias sobre aquela que ficaria conhecida como Passeata dos Cem Mil.

Depois do evento, o então presidente Costa e Silva marcou uma reunião com líderes da sociedade civil – entre eles os universitários Franklin Martins e Marcos Medeiros. No encontro, foi pedida a libertação de estudantes presos, o fim



Figura 13- Livro:" The Hog Farm and Friends"; autor: Wavy Gravy; editora: Links Book, 1974.

da censura e a reabertura do restaurante Calabouço. Nenhuma reivindicação foi aceita. Como reação houve outra passeata, que na ocasião reuniu 50 mil pessoas. Era o início da repressão mais violenta contra o movimento estudantil. No mês seguinte, o governo proibiu oficialmente todo tipo de manifestação em território nacional.

Não, não houve revolução. Pelo menos não no sentido tradicional da palavra que se refere a uma mudança radical do sistema de governo. E se esses acontecimentos não foram capazes de provocar transformações radicais no cenário político mundial, se não houve revolução, é possível dizer que as consequências mais duradouras do Maio de 1968 foram indiretas, de natureza cultural e social, mais do que de ordem política e econômica. Aconteceram mudanças fundamentais na maneira de enxergar e pensar o mundo.

Jimi Hendrix, Janis Joplin, psicodelismo, LSD, drogas como expansão da consciência, Caetano, Gil, Hélio Oiticica, Timothy Leary, Cinema Novo, *O bandido da luz vermelha*, poesia marginal, Andy Warhol, hippies, Tropicália, Robert Crumb, José Celso Martinez. Nos anos 1960, essa era a cena cultural e comportamental do Brasil e do mundo, que podia ser resumida numa palavra: contracultura.

E se considerarmos especificamente o Brasil e a França, já que se pretende demonstrar aqui de que forma a obra do cineasta brasileiro Glauber Rocha está inserida no Maio de 68 francês e que, posteriormente, no seu último filme, *Idade da Terra*, encontram-se marcas radicais do pensamento que esse movimento encarnou, pode-se dizer que as causas primeiras das manifestações diferem: no Brasil, foram eminentemente política, sem grandes resultados sociais, enquanto na França a importância desses dois aspectos resultou inversa, mais social, como por exemplo a questão de gênero e etnia ter passado a ser mais importante do que a divisão de classes.

Na verdade, os estudantes franceses também não estavam procurando uma política nova, mas os *événements* ajudaram a derrubar o presidente Charles de Gaulle, que renunciou ao cargo em abril de 1969, sendo sucedido por seu primeiro-ministro, Georges Pompidou, não mais aberto do que seu antecessor às ideias dos estudantes. Os acontecimentos de Maio de 68 também instigaram o governo a empreender uma reforma das universidades, multiplicando o número de



Figura 14- Disponível em: <http://www.imagem.ufrj.br/index.php?acao=detalharimagem&idimg=419>.

estudantes, mas não conseguindo ampliar a infra-estrutura acadêmica de modo a satisfazer as suas necessidades.

No Brasil, o AI-5 (Ato Institucional nº 5), promulgado no dia 13 de dezembro de 1968, legalizou a repressão, e em fevereiro do ano seguinte foi baixado um decreto-lei que proibiu definitivamente toda e qualquer manifestação política dentro das universidades do país. Os militares tinham finalmente desarticulado o movimento estudantil.

Em março de 1968, o cineasta Glauber Rocha estava se preparando para filmar *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* (*Antônio das Mortes*), sobre o qual afirmou: “um sangrento western político [...] em que retomo o personagem de Antônio das Mortes, dez anos mais tarde, num sertão modernizado e ainda bárbaro”⁷. Mas teve problemas de produção que atrasaram as filmagens em Milagres, na Bahia, onde o filme seria rodado, além disso, os negativos vindos da França para a filmagem ficaram presos na alfândega, por causa de uma modificação na lei de importação.

Um ano antes, seu filme *Terra em transe* tinha sido proibido em todo o território nacional, por ser considerado subversivo e ofensivo à Igreja. Num documento de 19 de abril de 1967⁸, o Serviço de Censura de Diversões Públicas da Polícia Federal afirma que tomou a decisão considerando “o modo irreverente com que é tratada a relação da Igreja com o Estado; conter a mesma mensagem ideológica contrária aos padrões culturais coletivamente aceitos no país; ser a tônica do filme a prática da violência como fórmula de solução de problemas sociais; a sequência de libertinagem e práticas lésbicas inseridas no filme”. No entanto, *Terra em transe* acabou sendo liberado em maio e sua exibição causou polêmica no Rio. Um histórico debate promovido no MIS (Museu de Imagem e do Som) mobilizou a classe artística e intelectuais como Helio Pelegriño que defendeu o filme e Fernando Gabeira que fez restrições ao personagem “super-homem” Paulo Martins. Ele também é exibido no *Festival de Cannes*, e ganha os prêmios *Luis Buñuel*, da crítica espanhola, e o da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica. Em Havana, é considerado pela crítica cubana o melhor filme do ano.

Enquanto aguardava as filmagens de *O Dragão da Maldade*, Glauber documenta com o fotógrafo Affonso Beato, as passeatas estudantis no Rio contra a ditadura, no curta-metragem inacabado “1968”. O próprio Affonso Beato afirma



Figura 15- Revista: Télérâma - hors/série - "Mai 68 – L'héritage", p. 49.

que não se lembra de quase nada dos 22 minutos flagrados daquele “seminal momento histórico”, segundo ele, “um olhar terno e envolvente, sem a rigidez que costumamos ver em registros políticos desta natureza”⁹.

Em agosto, Glauber roda, também no Rio, com uma câmera Éclair 16 mm, *Câncer*, mostrando situações improvisadas em torno de violência racismo e sexualidade, e sobre o qual o parecer da Divisão de Censura de Diversões Públicas, de 25 de maio de 1984, concluiu:

Diante do deletério espetáculo, atestando a loucura de quem o produziu com ignorância das mínimas regras de um bom cineasta, a falta de respeito ao espectador, somos pela sua liberação, apenas para o público adulto das cinematecas e dos cineclubes, portanto, para estudiosos de épocas nacionais constatarem uma aberração do cinema pátrio¹⁰.

Na sequência inicial de *Câncer*, Glauber exhibe um debate sobre arte realizado no MAM do Rio de Janeiro, em 1968, onde estavam presentes muitos intelectuais brasileiros. A câmera mostra primeiramente os debatedores que se encontram numa mesa, de frente para a plateia, onde é possível ver o próprio Glauber e Hugo Carvana, um dos atores do filme. Em *off* há a voz do cineasta: “Era no Rio de Janeiro em agosto de 1968. Tinha uma agitação arretada. Tinha operário ocupando fábrica em Minas Gerais. Tinha operário ocupando fábrica em São Paulo e estudantes fazendo agitação. Era a ditadura do Costa e Silva (...)”. E mais adiante:

Mas não era mesmo uma revolução, quer dizer, era agitação, era o maio francês também, tava uma onda arretada. (...) tinha muito camponês morrendo de fome no nordeste. Aliás, continua morrendo até hoje, tão morrendo há mais de 400 anos, e os intelectuais estavam lá no Museu de Arte Moderna naquela noite exatamente discutindo sobre arte, a arte revolucionária, porque estava começando o Tropicalismo, uma onda arretada.

Notas

¹ Hélio Pellegrino, *Jornal do Brasil*, Rio, 30/08/81.

² <http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Filmografia/terra.htm>

³ Legenda da foto de Gilles Caron, escrita por Patrick Rotman, na revista *Télérama* – hors de série – Mai 68, que aparece na p. x desta tese.

⁴ Nome de uma livraria de Paris.

⁵ Legenda da foto de Gilles Caron, escrita por Patrick Rotman, na revista *Télérama* – hors de série – Mai 68, que aparece na p. x desta tese.

⁶ Idem, p. x desta tese.

⁷ <http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Biografia/vida5.htm>

⁸ O parecer na íntegra está na seção “Anexos” desta tese, como ANEXO I.

⁹ <http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Filmografia/1968.htm>

¹⁰ O parecer na íntegra está na seção “Anexos”, como ANEXO II.